



Taxa Paga
Portugal
Calvário

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em um único fecho
de plástico ou papel.

AUTORIZAÇÃO N.º cDE01462019CPE/ACCS

Exmo.(a) Sr(a).

FACE

A LEITURA DO MUNDO

14
EDIÇÃO N.º

OUT. 2019

Distribuição gratuita
Publicação Semestral

AUTORIZAÇÃO N.º cDE01462019CPE/ACCS

20 ANOS A DERRUBAR BARREIRAS

EDIÇÃO COMEMORATIVA



www.medicosdomundo.pt



A ESPELHADORA	AGEAS	APSS-ADM. PORTOS DE SETUBAL E SESIMBRA	ASCENDUM				
ASTRAZENECA / CHARITIES AID FOUNDATION	BARRIO GESTÃO INVESTIMENTOS	CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO	CIMPOR	COMISSÃO EUROPEIA: ECHO & DEVCO		
DELTA	DGS -DIRECÇÃO GERAL SAÚDE	DNC TÉCNICA	DOMOTICA SGTA	EDP E FUNDAÇÃO EDP	EMBAIXADA DE FRANÇA	ESSO ANGOLA	
FERTINAGRO FERTILIZANTES	FIDELIDADE	FILINTO MOTA	FUNDAÇÃO GULBENKIAN	FUNDAÇÃO PT/ ALTICE	GAT	GRUPO PINTO & CRUZ	HORTAMIX

24 EMPRESAS GRANDES DOADORAS

HOVIONE	ICÂNCIO	INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL	INSTITUTO INTERNACIONAL DE LINGUAS	INTERGRAU		
INVACARE PORTUGAL	IPAD / INSTITUTO CAMÕES	J.S.F. PUBLICIDADE MARKETING	LOULÉ DOCE PASTELARIA	MÉDIS	MOBISERRA	

31 EMPRESAS DOADORAS DE LONGA DATA

MOTA GESTÃO E PARTICIPAÇÕES	MRG-ROBERTO, GRAÇA E ASSOCIADOS	MULTIPESSOAL RECURSOS HUMANOS	OXIQUIMICA - PROD QUÍMICOS	PATRICK THOMPSON	PAULO MENDES E CORREIA	
PIMBA VESTUÁRIO	POLICÓPIA	PROTOTAL CONTABILIDADE	RECI QWERTY	REN SGPS	RIBEIRO & RIBEIRO	

10 ENTIDADES GOVERNAMENTAIS

RUNAS	SARAH TRADING	SEF / MNE	SEGURANÇA SOCIAL	SERRANO MIRA	SÍLVIP	
SOCIEDADE AGROPECUÁRIA MONTE RUIVO	SOCIEDADE AGRÍCOLA DO CONDADO DA TORRE	SONAE	SORRISO E SAÚDE CLÍNICA DENTÁRIA	SUPER BOCK BEBIDAS	TABAQUEIRA	

OBRIGADA POR APOIAR AS MESMAS CAUSAS. 20 ANOS LADO A LADO!

... E AINDA MUITAS OUTRAS QUE NOS APOIAM ACTUALMENTE!

A Médicos do Mundo é uma organização não governamental que presta cuidados gratuitos de saúde às populações mais vulneráveis em Portugal e além-fronteiras, combatendo também a sua discriminação. Fazemos parte de uma rede internacional, constituída por 16 delegações, com mais de 400 projectos de desenvolvimento em todo o Mundo.

Trabalhamos para levar cuidados gratuitos de saúde a pessoas em situação de sem abrigo, trabalhadores sexuais, utilizadores de substâncias psicoactivas, migrantes em situação irregular, transsexuais, transgénero, homens que fazem sexo com homens, jovens com carências socioeconómicas, idosos que vivem isolados e/ou em risco de exclusão social e vítimas de catástrofes naturais.



© Fabrice Demoulin

04 — Editorial

Tudo começou em Aimutin, na clínica das árvores brancas

05 — Mensagem de Sua Excelência o Presidente da República

06 — Resultados

Médicos do Mundo volta a ter missão de emergência internacional

Soroptimist Internacional Setúbal e Médicos do Mundo organizaram almoço solidário com o apoio da Casa Ermelinda Freitas

Informação financeira

08 — Actualidade Nacional

Médicos do Mundo presta cuidados de saúde a refugiados em Évora

Projecto Terceira (C)idade vence prémio Fidelidade Comunidade

Médicos do Mundo chega a Barcelos

10 — Especial

20 anos a derrubar barreiras no acesso a cuidados de saúde

13 — Opinião

Elisabete Brasil

Direitos da mulher em contexto de migrações

14 — Grande Entrevista

Armando Figueiredo

Emergência humanitária: 20 anos a ajudar quem mais precisa

16 — Actualidade Internacional

Médicos do Mundo substitui congénere espanhola em intervenção em Moçambique

Médicos do Mundo opõe-se à patente de nova terapêutica genética para o cancro

18 — Agenda



14

EDIÇÃO Nº

OUT. 2019

Distribuição gratuita
Publicação Semestral

AUTORIZAÇÃO Nº cDE01462019CPE/AGCS

FICHA TÉCNICA

PRESIDENTE

Dr. Fernando Vasco

VICE-PRESIDENTE

Dr. Rogério Pacheco

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Médicos do Mundo

FOTOGRAFIA

Médicos do Mundo

Emanuele Siracusa

Fabrice Demoulin

Flávio Forner

Raquel Trigo

Rui Ochôa

PAGINAÇÃO

Claim

IMPRESSÃO

Ducks

TIRAGEM

9 000

DEPÓSITO LEGAL

326890/11

CONTACTOS

Sede: Médicos do Mundo, Av. de Ceuta (Sul),

Lote 4, Loja 11300-125 Lisboa

Telefone: 213 619 520

Email: doadores@medicosdomundo.pt

Nota de Redacção: O Comité Editorial da Revista FACE não segue, por opção, o novo Acordo Ortográfico na publicação dos seus conteúdos.

Tudo começou em Aimutin, na clínica das árvores brancas

© D.R.

Estamos em 1999 e não há absolutamente ninguém nas ruas de Dili, capital de Timor-Leste. Há alguns dias, as tropas da INTERFET, a missão internacional de capacetes azuis para o país, abriram o espaço humanitário na cidade, devastado por três meses de barbárie. Os poucos veículos que se deslocam, como o nosso, do aeroporto para a clínica, no centro da cidade, fazem isso entre pontos de verificação com barricadas sinuosas, tanques, cercas e estradas traçadas virtualmente no chão, próximas às paredes, para evitar serem alvo de um qualquer atirador. Na nossa clínica, na área de Aimutin, a clínica de árvores brancas, a nossa equipa está à espera. É a primeira missão internacional da Médicos do Mundo Portugal, a nova delegação recém-criada da nossa Rede Internacional.

O nosso trabalho é fortalecer a componente de saúde e dar apoio inicial à difícil missão que durará anos. O antigo convento, convertido em clínica, foi assaltado, como todos os edifícios com uma certa representatividade social. Felizmente, não houve tempo para queimá-lo como a grande maioria dos prédios do governo.

Durante os primeiros dias na clínica, o número de pessoas que atendemos no ambulatório aumentou progressivamente. Cabe-nos a nós cobrir os serviços da área sanitária recém-restabelecida; devemos reiniciar o pacote básico de serviços mínimos, de acordo com as outras agências presentes na área. Assim, o tempo é dividido entre os cuidados de saúde e as reuniões de coordenação e segurança. Já demos inúmeras consultas. De dores de cabeça simples a malária grave, passando por ferimentos de bala, após o exílio na floresta. Dia após dia, timidamente, algumas pessoas, principalmente meninas e meninos, cumprimentam-nos com o “V” da vitória desenhado nos seus dedinhos, quando a vida se recupera nas ruas, entre as barricadas, com segurança garantida, pelo menos em certas áreas. A nossa equipa trabalha a 150%.

Sim, tratámos milhares de pacientes, mulheres, homens, meninos e meninas e prestamos cuidados contínuos às pessoas admitidas na clínica. A manutenção das necessidades logísticas básicas de subsistência, tanto de equipamentos médicos, de alimentos ou de água é um desafio

diário. Filtros de água que não dão para muito, recuperam o gerador, a instalação do equipamento de rádio, os suplementos da IDA (International Dispensary Association), a beterraba (vegetal com uma inesperada presença contínua na nossa dieta) e alguma ração de combate. Gradualmente, algumas áreas do país vão ficando seguras para retomar os serviços básicos. Desde então, continuamos a trabalhar na clínica de árvores brancas em Dili e recuperámos a assistência global na área da saúde de Los Palos. Oficialmente constituída e com um desafio internacional extremamente complexo, a Médicos do Mundo Portugal iniciou a sua missão. Da nossa equipa em Timor-Leste, lembro-me, acima de tudo, da coragem e da decisão e capacidade de trabalhar em dias intermináveis.

Toda a equipa trabalhou em algum momento com febre, más condições de saúde pública e uma inevitável praga de mosquitos, que deixavam o seu rasto de dengue ou chikungunya entre a população local...

Desde o início, a missão em Timor-Leste sofreu muitas reviravoltas, com situações de insegurança e incerteza. Trabalhámos na área durante vários anos até deixar o país nas mãos dos seus cidadãos. Hoje, e depois de ter começado do zero há 20 anos, Timor-Leste é um país de renda média, que acolhe turistas nos seus hotéis e até tem um orçamento pequeno para cooperação internacional. Uma organização como a nossa, cuja razão de ser são as pessoas, promove a justiça social através do respeito ao direito à saúde. Por esta razão, para a nossa Rede Internacional, o acompanhamento e o enriquecimento de novas delegações que nos permitem expandir o nosso trabalho nacional e internacional é essencial para alcançar os nossos objectivos, como é o caso de Timor. O trabalho conjunto nesse conflito foi sem dúvida um exemplo claro desse espírito.

Este ano comemoramos com alegria o aniversário do que, sem dúvida, constitui um grande sucesso. Para a Médicos do Mundo Portugal não foi apenas a sua primeira missão e a sua abertura ao mundo, mas, sem dúvida, uma grande fonte de orgulho pela sua enorme contribuição para uma mudança social tão radical em tão pouco tempo.

Dr. José Felix Hoyo Jiménez

Presidente da Médicos do Mundo, Espanha

MENSAGEM

DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O Presidente da República

**MENSAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
20º ANIVERSÁRIO MÉDICOS DO MUNDO EM PORTUGAL**

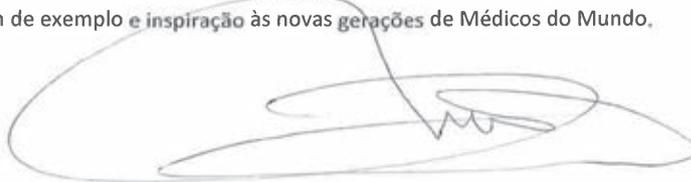
Caros Amigos,

Celebrar um aniversário de 20 anos é antes de mais celebrar um compromisso consolidado com a comunidade que servem. Há 20 anos que os Médicos do Mundo servem Portugal.

Nesse momento primordial, que agora celebramos, a delegação portuguesa dos Médicos do Mundo começou por servir o povo irmão de Timor, alargando depois a sua atividade ao território nacional, numa perspetiva de apoio social que privilegia a saúde e a ajuda humanitária. É uma perspetiva, como tive oportunidade de constatar no terreno, muito assertiva nas respostas que proporciona, direcionada a problemas concretos e comunidades específicas.

Permitam-me um sublinhado especial sobre uma destas áreas: o apoio à população em situação de sem abrigo em Lisboa e no Porto, que tenho acompanhado com maior detalhe. Apoio com foco nos cuidados de saúde, fundamental para a integração de todos os que se encontram sem casa ou sem teto, vulneráveis e em risco de extrema exclusão.

Os médicos, os técnicos de saúde, os voluntários, todos os que integram as equipas Médicos do Mundo, têm cumprido uma missão de inestimável valor para a sociedade portuguesa. Não só pela sua qualificação técnica como pelo que acrescentam de humanidade e solidariedade. **Estão de parabéns pelas duas décadas, que espero sirvam de exemplo e inspiração às novas gerações de Médicos do Mundo.**



MARCELO REBELO DE SOUSA

Lisboa, Palácio de Belém, 17 de Julho de 2019

MÉDICOS DO MUNDO VOLTA A TER MISSÃO DE EMERGÊNCIA INTERNACIONAL

Em Março de 2019, o ciclone Idai atingiu Moçambique, provocando danos graves nas estruturas de saúde, casas e saúde da população. Assim, e de modo a dar assistência humanitária, a Médicos do Mundo (MdM) estabeleceu um acordo pioneiro com a Cruz Vermelha Portuguesa (CVP), a convite da própria, realizando uma missão de emergência internacional, intitulada Operação Embondeiro por Moçambique.

Aquando dos incêndios de 2017, a Médicos do Mundo iniciou a sua primeira missão de emergência nacional, estando presente em Castanheira de Pera, Oliveira de Frades e Santa Comba Dão. Este ano, nove anos após a nossa última missão de ajuda humanitária no Haiti (onde apoiámos as vítimas do terramoto de 2010), a Médicos do Mundo deslocou-se para a Beira com um total de 19 voluntários internacionais, quer da MdM, quer da CVP, entre médicos, enfermeiros, farmacêuticos, logísticos e administradores. A estes, acresce o apoio de seis voluntários locais, incluindo farmacêuticos e logísticos.

Na Operação Embondeiro por Moçambique, que ocorreu entre 24 de Março e 09 de Agosto de 2019 (término oficial da nossa participação com a Cruz Vermelha Portuguesa na Operação Embondeiro por Moçambique) realizaram-se:

- 4 500 atendimentos
- 3 037 consultas de saúde
- 1 534 cirurgias
- 130 partos

No final de Março, a Médicos do Mundo lançou uma campanha de angariação de fundos para custear a participação nesta missão. Uma vez mais, a resposta foi imediata, permitindo a nossa intervenção no terreno. Até ao dia 09 de Agosto, 849 doadores da Médicos do Mundo deram o seu contributo, perfazendo um total de **61.756€**:

DONATIVOS DE 22 DE MARÇO A 9 AGOSTO 2019	€	Nº Doadores
Transferências Bancárias	46.828 €	380
Donativos online (página doador no site)	4.522 €	55
Donativos via Facebook	5.412 €	192
Almoço Solidário Soroptimist / Ermelinda Freitas	4.105 €	124
Donativos via MbWay, Linha Solidária	889 €	98
TOTAL Donativos angariados por MdM	61.756 €	849

Parte destes donativos foram aplicados na intervenção que se centrou na prevenção e controlo da Cólera e Saúde Materno-Infantil, no Hospital de Campanha instalado perto do Centro de Saúde Urbano do Macurungo, um dos bairros mais afectados e populosos da Beira (cerca de 25 mil habitantes).

Destes fundos, a Médicos do Mundo aplicou, à data de 09 de Agosto de 2019, 31.000 € em despesas inerentes à Operação Embondeiro. Todos os custos de transporte para Moçambique, bem como o alojamento na Beira, foram suportados pelos donativos feitos à Cruz Vermelha Portuguesa.

O remanescente dos donativos angariados pela Médicos do Mundo está a ser utilizado na missão Ndeja, iniciada em Agosto, no campo de desalojados Ndeja/Novo John Segredo, no distrito de Nhamatanda, a qual é responsável por abrigar cerca de 400 famílias, num total de 2100 pessoas (mais informação na pág. 16).

A todos os que ajudaram, deixamos o nosso muito obrigada por estarem sempre ao nosso lado na defesa das mesmas causas.



SOROPTIMIST INTERNACIONAL SETÚBAL E MÉDICOS DO MUNDO ORGANIZARAM ALMOÇO SOLIDÁRIO COM O APOIO DA CASA ERMELINDA FREITAS

A Médicos do Mundo deixa um agradecimento especial à Casa Ermelinda Freitas, que acolheu no passado dia 18 de Maio um almoço solidário co-organizado com o apoio da Soroptimist Internacional Setúbal.

O almoço teve início com uma visita às caves, a qual incluiu uma prova de vinhos, e permitiu-nos angariar 4.105 €, dos quais 1.872 € reverteram para a maternidade do Centro de Saúde Urbano do Macurungo, na Beira.



© MdM



INFORMAÇÃO FINANCEIRA

A Médicos do Mundo apresentou um resultado líquido do exercício positivo de 66.109 €.

Os rendimentos em 2018 ascenderam a 1.075.638 € repartindo-se por:



Os custos em 2018 atingiram os 1.009.529 € repartindo-se por:



A maioria dos custos são directamente alocados para a nossa missão:



As contas são auditadas anualmente pela empresa especializada em auditoria e revisão de contas MRG - Roberto, Graça & Associados.



© Fabrice Demoulin



© JRS

8 Médicos do Mundo presta cuidados de saúde a refugiados em Évora

A Médicos do Mundo (MdM) já prestou cuidados primários de saúde a dez famílias no novo Centro de Transição de Refugiados (CTR) de Évora. Esta intervenção marca o regresso da organização à cidade alentejana, onde esteve entre 2010 e 2013 com projectos direccionados a populações vulneráveis.

Um total de dez famílias, entre as quais 14 mulheres, oito homens e 22 crianças, que chegaram ao CTR de Évora, receberam cuidados primários de saúde prestados pela MdM. Tal como acontece no Centro de Acolhimento Temporário para Refugiados (CATR) do Lumiar, em Lisboa, a MdM realiza a triagem de eventuais problemas que incorram em riscos para a saúde pública, nomeadamente doenças infecciosas e despiste da agudização de situações crónicas, para além de outras ocorrências.

Recorde-se que esta intervenção marca o regresso da Médicos do Mundo a Évora, depois de projectos que, entre 2010 e 2013, prestaram cuidados de saúde a populações vulneráveis, incluindo crianças, jovens, pessoas em situação de sem abrigo, imigrantes e idosos.

Com capacidade para 30 pessoas, o CTR de Évora, projecto do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS), no âmbito da Plataforma de Apoio aos Refu-

giados (PAR), com parceria da MdM, é a primeira estrutura do género fora dos grandes centros urbanos. Visa garantir o acolhimento de famílias provenientes da Turquia e do Egipto, ao abrigo do Programa Voluntário de Reinstalação do Alto Comissariado das Nações Unidas, segundo o qual Portugal deverá receber 1010 refugiados até ao final do ano.

As famílias permanecem nesta estrutura por um período máximo de três meses, sendo depois reencaminhadas para instituições de acolhimento da PAR em todo o país. Durante a estadia pretende-se adaptar os residentes à cultura portuguesa, ao mesmo tempo que se estuda o seu perfil para facilitar a selecção das instituições que os irão acolher posteriormente.

E entre os principais problemas à chegada estão justamente o idioma e o choque cultural, segundo explica Isabel Lima, médica especialista em Medicina Geral e Familiar, voluntária da MdM no CTR. “Évora é uma cidade pequena e pode ser mais fácil fazer a integração linguística e dar a conhecer os hábitos e a cultura”, refere.

Na opinião da médica, poderão existir ainda outras vantagens na descentralização da resposta ao acolhimento de refugiados, nomeadamente em termos de “estabelecimento de contactos com a população local”, de “integração no mercado de trabalho” e de “identificação de famílias de acolhimento”.



© JRS



PROJECTO TERCEIRA (C)IDADE VENCE PRÉMIO FIDELIDADE COMUNIDADE

O projecto da Médicos do Mundo foi um dos 17 vencedores entre 511 candidaturas ao Prémio Fidelidade Comunidade, dirigido a instituições que promovem o envelhecimento, a inclusão social e a prevenção em saúde.

Este prémio monetário, atribuído ao projecto Terceira (C)idade, permitirá alargar a intervenção junto dos idosos beneficiários do projecto, cujo apoio é dado no Porto, de modo a adaptar domicílios e evitar a institucionalização precoce dos utentes. Graças a este prémio será possível reforçar o trabalho da equipa de proximidade que acompanha estes idosos no domicílio e os ajuda a ultrapassar barreiras dentro de casa, fazendo pequenas reparações e adaptando materiais para facilitar as actividades de vida diárias.

Além dos custos com os recursos humanos que compõem a equipa de proximidade, o prémio permitirá comprar equipamentos para o banco de ajudas técnicas que são emprestadas aos idosos e que lhes permitem ter maior autonomia e mobilidade. A equipa que vai ao domicílio é constituída por profissionais que desenvolvem acções de educação para a saúde e que acompanham os idosos a consultas no Serviço Nacional de Saúde.



MÉDICOS DO MUNDO CHEGA A BARCELOS

Em Maio deste ano, a Médicos do Mundo estendeu a sua missão a mais um território, passando a intervir em Barcelos mediante uma política de Redução de Riscos e Minimização de Danos associados ao consumo de substâncias psicoactivas e trabalho sexual.

O projecto SER – Saúde em Equipa de Rua - foi desenhado para apoiar pessoas vulneráveis, no concelho de Barcelos, que manifestam níveis de exclusão económica, social e familiar relevantes e que apresentam comportamentos de risco para a sua saúde e para a saúde da comunidade em geral.

Com este projecto, a Médicos do Mundo pretende contribuir para: a adopção de práticas de consumo e sexuais de menor risco; a estruturação psicossocial e a aproximação às estruturas da rede social de suporte, bem como às valências do Serviço Nacional de Saúde; a melhoria do estado de saúde; o desenvolvimento comunitário e o perfil epidemiológico do fenómeno.





20 ANOS A DERRUBAR BARREIRAS NO ACESSO A CUIDADOS DE SAÚDE

© MdM

Estávamos numa tarde de Verão em Julho de 1999. Em Lisboa, uma sala composta, modesta, servia de pano de fundo à criação daquela que viria a ser a Associação que luta contra todas as doenças, até mesmo a injustiça. Ainda não sabíamos para onde íamos, ou sequer se conseguiríamos superar o desafio, mas havia uma vontade em comum: melhorar o mundo que nos rodeava, garantindo, de forma igualitária, um direito tão básico como o acesso a cuidados de saúde.

Presente em Portugal desde então, a delegação portuguesa da Médicos do Mundo (MdM) já criou 132 projectos de cooperação para o desenvolvimento e deslocou-se para cenários de emergência para prestar ajuda humanitária em 16 missões, levando sempre ao peito a paz, a esperança, a determinação e a vontade do primeiro dia.

© Emanuele Siracusa





que contam com a dedicação de colaboradores e voluntários, empenhados em melhorar as condições de vida das pessoas que apoiam e em lutar pelos seus direitos enquanto seres humanos, independentemente da sua etnia, nacionalidade, género, religião ou situação socioeconómica.

DERRUBAR A POBREZA

No decorrer do nosso trabalho deparamo-nos com pessoas que vivem abaixo do limiar da pobreza e que, por essa mesma razão, dispõem de recursos limitados, o que dificulta o acesso a cuidados de saúde primários. Para derrubar a pobreza, enquanto obstáculo a um direito tão básico, a Médicos do Mundo tem equipas de proximidade que percorrem as ruas de Lisboa, Loures, Porto e Barcelos para chegar às populações mais vulneráveis, disponibilizando apoio médico e de enfermagem, apoio psicossocial e medicamentoso, encaminhamento para os Serviços de Saúde e Sociais, acompanhando cada caso. Paralelamente à nossa actuação no terreno, a Médicos do Mundo é também uma das organizações da Sociedade Civil que contribuiu para a criação da Estratégia Nacional para a Integração da Pessoa em Situação de Sem Abrigo. Em Lisboa, participamos nos Eixos do Planeamento e da Intervenção e subcoordenamos o Eixo da Saúde do Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo (NPISA). No Porto, a Médicos do Mundo faz parte deste último Eixo e também do Eixo do Acompanhamento Social, para além de integrar o Núcleo Executivo do NPISA. Na capital, somos ainda membros do Conselho de Parceiros do NPISA.

A par destes grupos de trabalho, colaboramos também com: a Rede Europeia Anti-Pobreza; os CLAS de: Lisboa (com enfoque no Grupo de Comportamentos Aditivos – numa lógica de prevenção), Loures, Setúbal, Barcelos e Porto (no qual integramos duas Unidades Operacionais); o Plano Nacional para a Tuberculose; Fórum Nacional da Sociedade Civil para a Infecção VIH/SIDA; a Rede de Trabalho Sexual; a Rede de Apoio e Protecção às Vítimas de Tráficos de Seres Humanos; o Grupo R3 - Riscos Reduzidos em Rede; e com grupos de trabalho de idosos e jovens nas Comissões Sociais de Freguesia do Beato, Alcântara e Penha de França.

DERRUBAR A DISCRIMINAÇÃO

Uma das principais limitações no acesso a cuidados de saúde, por parte de populações vulneráveis – e não só – é a discriminação a que são sujeitas. Por esta razão, as equipas de proximidade da Médicos do Mundo garantem a confidencialidade e o anonimato dos seus beneficiários, mediando o contacto e a relação com os serviços e capacitando-os para exercer os seus direitos e deveres. “O que mais me orgulha na Médicos do Mundo e no trabalho que desenvolve é a dedicação que todas as equipas e todos os profissionais têm para com a população e para com os utentes com quem temos o privilégio de nos cruzar. Tratamos toda a gente com o mesmo respeito, a mesma dignidade, prestando cuidados a pessoas que, por diversas razões, muitas vezes se encontram afastados dos serviços de saúde.” – Maria da Paz, enfermeira da Médicos do Mundo.

DERRUBAR O ISOLAMENTO SOCIAL

Ainda no momento da sua constituição, há 20 anos atrás, a delegação portuguesa da Médicos do Mundo partiu do pressuposto que iria entender a saúde de um ponto de vista holístico, integrando assim a perspectiva física, psicológica e social em todas as suas intervenções, garantindo deste modo o bem-estar dos seus utentes. Para que tal fosse possível seria também

Hoje, e passados 20 anos, trabalhamos diariamente para derrubar barreiras no acesso a cuidados de saúde, acreditando que a discriminação, a pobreza, o isolamento social, a violência, as catástrofes e os cenários de guerra comprometem, de forma indiscutível, o bem-estar das populações mais desfavorecidas.

Por essa mesma razão, continuamos a prestar, gratuitamente, cuidados de saúde primários a populações vulneráveis, em Portugal e no resto do Mundo, tendo actualmente 19 projectos activos

necessário derrubar o isolamento social, o qual já se demonstrava particularmente acentuado na Terceira Idade. Neste sentido, a Médicos do Mundo começou a criar equipas de apoio domiciliário para idosos que estivessem sozinhos, sem rede de suporte e/ou familiar, em Lisboa e no Porto, bem como projectos que incentivavam à estimulação cognitiva e sociabilidade dos mesmos, de modo a que saíssem de casa e reduzissem os índices de depressão ou de outros transtornos mentais. A própria intervenção no espaço domiciliário tem permitido que muitos dos nossos idosos se mantenham no seu contexto de conforto, segurança e pertença, retardando a sua institucionalização e reforçando a mais-valia que constituem para as comunidades em que se inserem.

DERRUBAR A VIOLÊNCIA

Ao longo dos nossos 20 anos, já marcámos presença em alguns cenários de conflito armado, prestando ajuda humanitária às vítimas locais. Neste tipo de situações a violência gera, muitas vezes, a destruição das estruturas básicas de saúde e de saneamento, para além dos traumas físicos e psicológicos que daí advêm. Paralelamente, os fluxos migratórios, decorrentes dos numerosos conflitos armados que ocorrem em diversos continentes, têm criado desafios aos vários países de acolhimento, sendo necessária uma avaliação inicial do estado de saúde físico e mental que permita um posterior e adequado acompanhamento destas pessoas. Para tal, temos vindo a criar parcerias com outras organizações e com entidades estatais, participando no Programa de Acolhimento de Refugiados, além de que apoiamos migrantes em situação irregular que vivem situações de grande vulnerabilidade.

Em contexto nacional, a violência manifesta-se noutras frentes, sobre as quais também intervimos, ainda que de forma mais ou menos directa. No que toca a casos de violência doméstica e/ou de agressões física, psicológica, ou até mesmo verbal, sinalizamos e avaliamos as vítimas, orientando-as no sentido de recorrerem aos serviços competentes acompanhadas por elementos da nossa equipa técnica. Procedemos também à sinalização para abrigo de emergência quando necessário. No que respeita ao tráfico de seres humanos, assim como em tantas áreas em que a Médicos do Mundo trabalha em parceria para respostas mais especializadas, encaminhamos as pessoas identificadas para a Rede Regional do Norte de Apoio e Protecção a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos. Em relação ao bullying, contamos com duas edições de um mesmo projecto (Like ME) em que esta é uma das temáticas abordadas e debatida junto de jovens provenientes de contextos vulneráveis, apostando na educação para a cidadania global deste público-alvo acerca de algo tão recorrente no seu meio nos dias que correm.

DERRUBAR AS CONSEQUÊNCIAS DAS CATÁSTROFES NATURAIS

Ao longo dos nossos 20 anos também nos temos deparado com vítimas de catástrofes naturais, as quais são sujeitas a situações de vulnerabilidade extrema que condicionam o acesso a cuidados de saúde primários, limitando a sua qualidade de vida. Para atenuar os impactos dos incêndios, terremotos, tsunamis, ou cheias ao nível da saúde, a Médicos do Mundo trabalha directamente no terreno, com as vítimas, de modo a assegurar o seu acesso aos cuidados mais urgentes.

ESPECIAL



São 20 anos cheios de histórias, missões, causas e muita dedicação, que tem levado a ajuda humanitária a muitos dos que precisam. A todos os que contribuem para o sucesso da nossa missão, o nosso muito obrigada. Continuaremos a “lutar contra todas as doenças, até mesmo a injustiça!”.

MENSAGEM

DR. FERNANDO VASCO, PRESIDENTE DA MDM

Estamos de parabéns. Chegámos aqui porque centenas de pessoas, colaboradores, voluntários, doadores e parceiros uniram esforços para que milhares de pessoas sem acesso a cuidados de saúde, ou com esse acesso limitado, pudessem deles usufruir.

Temos um ideal: a saúde é um direito humano. Une-nos um conjunto de valores, o respeito e a solidariedade para com o outro, seja ele quem for e venha de onde vier, e lutar por uma sociedade mais justa.

Passados estes vinte anos, à pobreza, à fome, à guerra e à injustiça social, juntaram-se novos problemas, como é o caso das alterações climáticas, com consequências graves para a Humanidade.

Continuaremos a caminhar. Tal como hoje, esperamos dizer daqui a vinte anos: “Estamos vivos e valeu a pena”.

Direitos da mulher em contexto de migrações

O tema apela que, como mote, se aborde e contextualizem os direitos humanos, nomeadamente os das mulheres, ancorados na **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Com génese inspiradora na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, já o século XVIII traria debate acérrimo quanto ao entendimento de que o masculino como universal neutro não só invisibilizava a mulher enquanto sujeito político, individual e colectivo, como não colocava na agenda as **discriminações e violência que a desigualdade de género particularmente se lhes coloca e dirige a vários níveis e diferentes contextos**.

Não obstante tal conhecimento empírico e científico, sociedades e lógicas patriarcais, perpetuaram a desigualdade de género contra as mulheres, ficando os Estados aquém na sua acção de agir eficazmente sobre as suas causas e consequências.

Este reconhecimento seria pressuposto fundamental da Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres, no âmbito da qual a área das **migrações** foi objecto de Recomendações, salientando-se a Recomendação 26 de 2008.

Práticas e vivências quotidianas, em todo o mundo, evidenciam que há ainda muito a alcançar no que tange aos direitos das mulheres. Mesmo que desde 1993¹ sejam formalmente aceites como inalienáveis e constituintes integrais dos direitos humanos universais, a percepção deste impacto na vida concreta das mulheres continua parca e insuficiente. Tal também se evidencia na área das migrações.



Em termos do estado da arte, sabemos que **as mulheres representam cerca de metade das pessoas migrantes em todo o Mundo**. Sabemos também que **as concepções sobre os papéis de homens e mulheres que migram resultam de construções sociais e culturais determinantes também no processo migratório**. De facto, **estas concepções implicam nas condições em que mulheres e homens migram, decidem fazê-lo e para onde o fazem, bem como a forma como são tratados nos seus percursos migratórios e nos países para onde se dirigem ou passam**.

Ainda que tanto indivíduos do sexo masculino como feminino migrem, a realidade mostra que também nesta área as mulheres vivenciam riscos e discriminações que as atingem particularmente. **Esta é já uma das conclusões que justifica a preocupação em responder em termos políticos e sociais, integrando as questões de género**.

Não será possível prosseguir em direitos humanos enquanto para as mulheres não forem encontradas respostas e efectivados os seus direitos.

Elisabete Brasil

Presidente da Direcção da FEM - Feministas Em Movimento

¹ II Conferência Mundial para os Direitos Humanos de Viena - Declaração e Programa de Acção



© Flavio Forner

Emergência humanitária: 20 anos a ajudar quem mais precisa

Armindo Figueiredo é Assistente Graduado de Medicina Interna no CHUA - Centro Hospitalar Universitário do Algarve - Faro. Voluntário da Médicos do Mundo (MdM) desde 2005, participa em missões humanitárias há precisamente 20 anos, tendo estado ao serviço do próximo, de forma abnegada, em diversos cenários de conflito e emergência.

Médicos do Mundo (MdM) – Participa há já vários anos em missões de emergência humanitária da Médicos do Mundo. Quais os principais desafios que se colocam neste tipo de missões?

Armindo Figueiredo (AF) – O principal desafio é vencer o medo de não estar preparado e apetrechado para enfrentar as situações que vamos encontrar nas missões de catástrofe, onde cada solução é criada à medida dos problemas. É quase impossível prever tudo o que será necessário, embora haja um conjunto de equipamentos e medicamentos que aprendemos ao longo do tempo a colocar na lista do “tem de levar”. É que, no local onde chegamos, na grande maioria das vezes, não há forma de conseguir o

que faz falta. Há que fornecer o necessário para o que indicamos que o doente tem de fazer, pois não há forma de este o adquirir, porque ou não há onde comprar ou, se há, o doente vítima de uma catástrofe não tem como pagar. É absolutamente constrangedor estar perante um doente que sabemos como tratar, mas não temos forma de o fazer ou de garantir o tratamento por falta de cuidados intensivos que possam vir a ser necessários.

MdM – Dos vários cenários onde esteve, há algum que implicou maiores desafios. Porquê?

AF – Todos forneceram grandes desafios, todos com características diferentes e particularidades resultantes das diferenças culturais e políticas de cada um dos territórios. Em Timor, por exemplo, na assistência aos sobreviventes dos massacres após o referendo para a independência, pelo risco de um ataque das milícias nas montanhas, onde fazíamos atendimentos às vítimas que ainda permaneciam resguardadas. No Sri Lanka, por nos ter sido entregue a assistência aos campos de acolhimento de deslocados pelo tsunami no território dos guerrilheiros Tâmil, que até então travavam combates com o governo Cingalês. No Paquistão, o que mais me impressionou foi o aparato policial e militar à nossa volta, sempre que nos deslocávamos para qualquer actividade. Moçambique foi, pelo contrário, um local que senti ser francamente acolhedor, com pessoas muito resilientes, já demasiadamente habituadas às carências a que estão sujeitas, que esperam para ser atendidas na fila um dia inteiro se for preciso e, nesse momento, demonstram gratidão pelo cuidado, aceitando a explicação de não termos solução para as suas maleitas crónicas naquele contexto.

MdM – Ao longo dos anos conheceu muitas pessoas e contactou com diferentes histórias de vida. Como se equilibra a dimensão emocional com as tarefas diárias do voluntário?

AF – A energia que as vítimas destas catástrofes encontram para superar a perda dos seus entes queridos, para suportar a dor física e para lidar com a destruição de tudo o que lhes podia permitir a subsistência, é mais do que suficiente para equilibrar as nossas angústias e relativizar os nossos problemas. É a energia que entregamos para ajudar e que eles nos devolvem com “troco”, fazendo com que regressemos melhor do que quando partimos.

MdM – De que forma estas missões mudam e influenciam a vida da pessoa após o regresso?

AF – A influência é notória, pois pouco depois de começarmos a sentir aquilo que estamos a fazer e a receber a gratidão que nos oferecem, a nossa energia multiplica-se. Esse bem-estar que vem de dentro por percebermos que estamos a conseguir sair da nossa zona de conforto, como um desafio bem-sucedido às nossas capacidades, para ajudar, é um retorno muito gratificante. Conseguir fazer parte daquele grande esforço colectivo que envolve as missões humanitárias e que tenta criar condições para uma sociedade mais humana é um privilégio.

MdM – Há uma experiência acumulada com o passar dos anos. Que ensinamentos retirou dos vários cenários e de que forma estes ajudaram no trabalho nas missões seguintes?

AF – Os ensinamentos resultam da vivência de situações tão diversas como aquelas que atrás descrevi e melhoram seguramente a capacidade para lidar com a adversidade. A verificação in loco das experiências de vida de pessoas em condições tão diferentes da nossa dá-nos uma perspectiva mais ampla sobre o mundo em que vivemos e fornece-nos uma maior elasticidade no raciocínio para o analisar. Ensinam-nos a respeitar as diferenças, olhar para o ambiente em que vivem outras pessoas e para as condições a que estão sujeitas. Estas vivências que se trazem na bagagem são, sem dúvida, uma mais-valia para ajudar no planeamento de missões futuras e na relação com outros povos e outras culturas.

MdM – Passados 20 anos a participar em missões de emergência, o que mudou na forma de preparar e actuar nos vários cenários?

AF – Mudou sem dúvida a ansiedade gerada pela partida, do que vou encontrar e se a equipa tem o indispensável para começar a trabalhar. Penso ser mais prudente na análise das condições a preparar para a missão, tanto mais que até agora fui sempre nos primeiros momentos das mesmas, com uma grande carga de imprevisibilidade, mas sabendo que, com o que levamos, vamos poder ajudar.

MdM – Cada vez mais pessoas despertam para o voluntariado e manifestam interesse em ajudar em cenários de conflito ou de catástrofe. Que conselhos daria a quem se inicia agora no voluntariado em missões de emergência?

AF – Primeiro, saber se existe um planeamento adequado da missão a que se propõe e saber se a organização a que se oferecem tem a integridade que reflecta as suas intenções. A experiência que resulta da observação das muitas organizações no terreno leva-me a criar algumas reservas à partida. O desejo premente para ir numa missão não

deve ofuscar a visão do conjunto e deve, portanto, fazer-se uma análise adequada. Por estes motivos é que eu me mantenho numa ONG que já conheço. Em segundo lugar, não se deve partir numa missão para resolver problemas pessoais em situação de crise emocional. A mente deve estar bem organizada, seguindo os objectivos que procura alcançar com a missão e focar aí a sua atenção. Também não se deve esquecer a avaliação das capacidades de relação intensa e demorada com grupos de pessoas que não se conhece. Se alguém não consegue estar bem em grupo, e interagir de forma harmoniosa e complacente com os colegas, não vai correr bem. Por fim, convém não desprezar o conhecimento das condições logísticas que a organização prevê para o terreno. Missões há em que se vai de saco-cama para três meses, tenda e duche de campismo.

MdM – Recentemente assistiram-se a medidas persecutórias, nomeadamente processos judiciais, contra voluntários que salvam vidas no Mediterrâneo. Enquanto voluntário como olha para esta situação?

AF – É degradante o retrocesso civilizacional a que assistimos, com a emergência de movimentos xenófobos nas sociedades contemporâneas, quando julgávamos possível renovar estas ‘ideias’ alimentadas por dirigentes políticos que conseguem arrastar multidões para estas causas. Fico perplexo perante as soluções com que alguns políticos enfrentam o problema dos refugiados, como se uns não tivessem o direito de fugir de condições que nós dificilmente imaginamos para nós. Tem de ser reparada a ideia de que é possível continuar a extorquir a uma parte do mundo, as suas riquezas naturais, aproveitando e promovendo o subdesenvolvimento dessa parte do hemisfério para ser mais fácil dirigir os proventos da riqueza para os países mais poderosos. Há quem diga, como aconteceu há dias num debate, que “eles têm de tomar conta de si e não estarem sempre à espera de que venham os países ditos desenvolvidos para lhes resolver os problemas”. A questão está em não lhes criarem os problemas, para depois lhes oferecerem soluções que os façam depender cada vez mais dessa ajuda.



© Fabrice Demoulin

CENÁRIOS DE CRISE HUMANITÁRIA

Enquanto voluntário, Armindo Figueiredo participou em diversas missões de emergência: Timor-Leste, Sri Lanka, Haiti e Paquistão. Mais recentemente, rumou à Beira (Moçambique), após a passagem do ciclone IDAI, para auxiliar as vítimas, sendo um dos profissionais de saúde que integrou a Operação Embondeiro por Moçambique, fruto de um acordo inédito entre MdM e CVP.

© Raquel Trigo



© Raquel Trigo



Médicos do Mundo substitui congénere espanhola em intervenção em Moçambique

A delegação portuguesa da Médicos do Mundo aceitou o desafio lançado pela congénere espanhola para continuar a intervenção que esta assegurava desde Março, em Nhamatanda, na província moçambicana de Sofala. Uma missão que marca o regresso da Médicos do Mundo Portugal, de forma independente, ao país africano, onde esteve por diversas ocasiões ao longo da sua história.

A prestação de cuidados de saúde às populações deslocadas, até aqui distribuídas por três centros temporários e que foram entretanto reunidas num só centro, localizado a 30 km da vila de Nhamatanda, passa assim a ser assegurada, desde o passado dia 01 de Agosto, pela equipa portuguesa da Médicos do Mundo. **O centro de Ndeja/Novo John Segredo alberga cerca de 400 famílias, num total de 2.500 pessoas, que aguardam a construção no local de novas habitações.**

Além da prestação de cuidados de saúde e da realização de acções de formação e de sensibilização à população do centro, a acção da Médicos do Mundo Portugal tem como principal foco a capacitação de profissionais de saúde locais, que já se encontram no terreno, dando assim continuidade ao trabalho realizado pela delegação espanhola. Inicialmente a equipa foi composta por uma enfermeira e uma médica interna da formação específica em Saúde Pública, que assume ainda funções de coordenação.

Esta intervenção, com duração prevista até Dezembro do ano corrente, vai funcionar num modelo de rotatividade, com revezamento mensal das equipas. Para além de médicos cardiologistas e com competências em emergência, está assegurada, até ao final do ano, a escala de profissionais de outras áreas como medicina interna, pediatria, medicina geral e familiar, infeccologia e saúde pública.

Recorde-se que a maioria das organizações não-governamentais que estiveram presentes em Moçambique, no âmbito da emergência decorrente do ciclone Idai, e posteriormente do Kenneth, já abandonaram o território. Após a fase de emergência, aguarda-se agora o início das operações de reconstrução.



© Raquel Trigo

Médicos do Mundo opõe-se à patente de nova terapêutica genética para o cancro

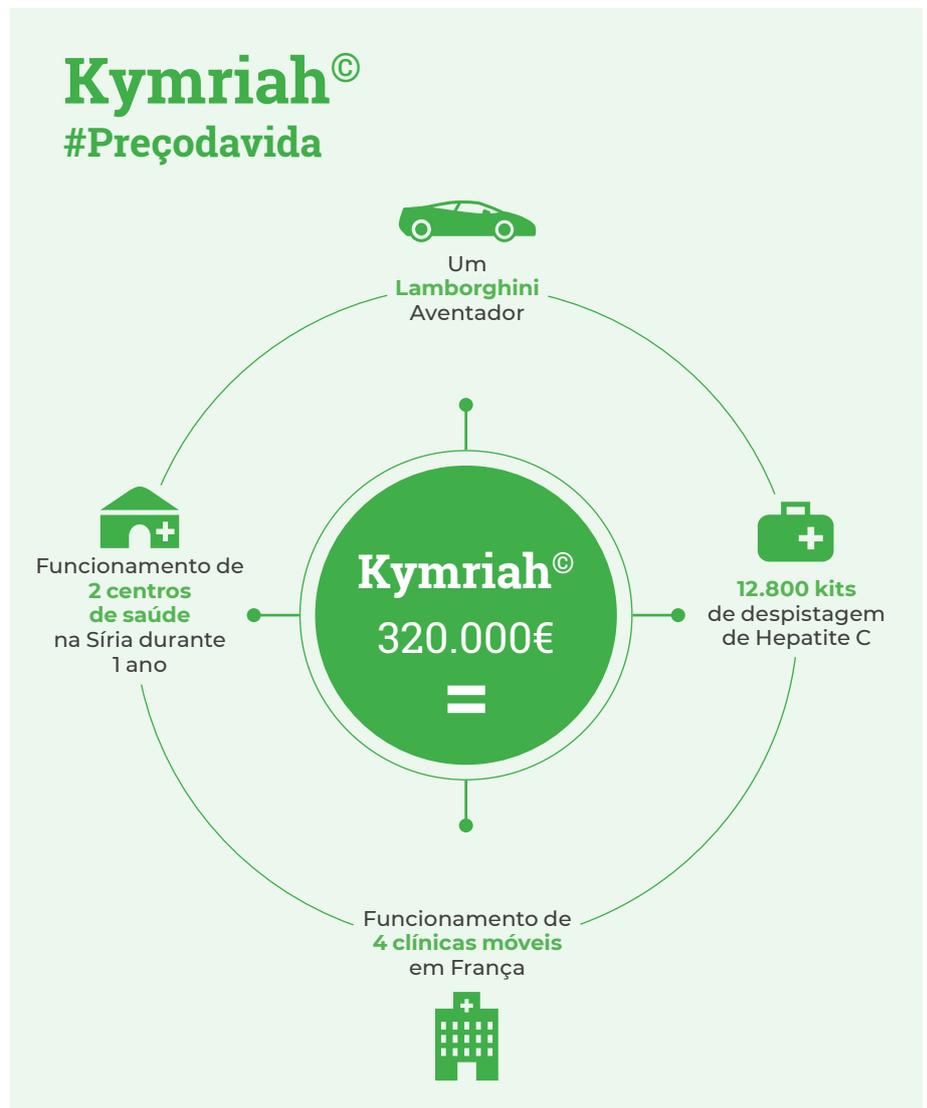
A Médicos do Mundo (Mdm) apresentou em Julho uma oposição à patente do Kymriah®, uma das duas novas terapêuticas genéticas para o tratamento do cancro. A contestação baseia-se no facto de não existir qualquer nova actividade inventiva neste medicamento que, mesmo assim, apresenta um custo exorbitante de 320 a 350 mil euros por doente.

Os valores do novo medicamento praticados pelo grupo farmacêutico Novartis revelam a especulação existente neste segmento de mercado que, para a Mdm, coloca o lucro à frente do tratamento médico. A própria Organização Mundial de Saúde, num recente relatório sobre o custo dos medicamentos contra o cancro, chamou a atenção para o facto de este reflectir apenas os interesses comerciais da indústria.

A oposição à patente do Kymriah®, apresentada no Instituto Europeu de Patentes (IEP), pretende não só condenar os abusos associados aos preços dos novos medicamentos para o tratamento do cancro, como contribuir para que os governos possam negociar valores mais reduzidos, organizar a utilização de tratamentos similares e assegurar o acesso universal ao tratamento mais sustentável para os sistemas de saúde.

A Médicos do Mundo baseia a contestação no facto de não existir qualquer actividade inventiva ou algo a acrescentar ao estado da arte, o que foi evidenciado pelo próprio IEP durante os procedimentos iniciais de validação da patente. A situação levou a que a Novartis apresentasse novas reivindicações quanto à natureza inventiva da tecnologia que, embora possam ser consideradas abusivas, foram aceites pelo IEP.

Recorde-se que, para além do Kymriah®, também o Yescarta®, da Gilead Sciences, recebeu, em Agosto do ano passado, autorização de comercialização na Europa. Ambos são utilizados no tratamento dos cancros sanguíneos - por via da modificação genética das células linfócitas T para que reconheçam e ataquem as células cancerígenas - e representam uma grande esperança para doentes, familiares e profissionais de saúde. No entanto, a Mdm questiona o preço exorbitante desta esperança. Os valores praticados, que podem atingir os 350 mil euros por doente, não podem ser justificados pelos custos de produção, nem pelos investimentos em investigação e desenvolvimento, já que estes são amplamente suportados por fundos públicos nos Estados Unidos da América e na Europa.



20 Anos Médicos do Mundo

08

Outubro

Seminário “A Mulher e as Violações dos Direitos Humanos no Contexto das Migrações

Auditório Prof. Miller Guerra
Ordem dos Médicos (Lisboa)
09h00-17h30

10

Outubro

Concerto Solidário 20 Anos Médicos do Mundo

Auditório Jorge Sampaio
Centro Cultural Olga Cadaval (Sintra)
21h30

Preço: 10 €

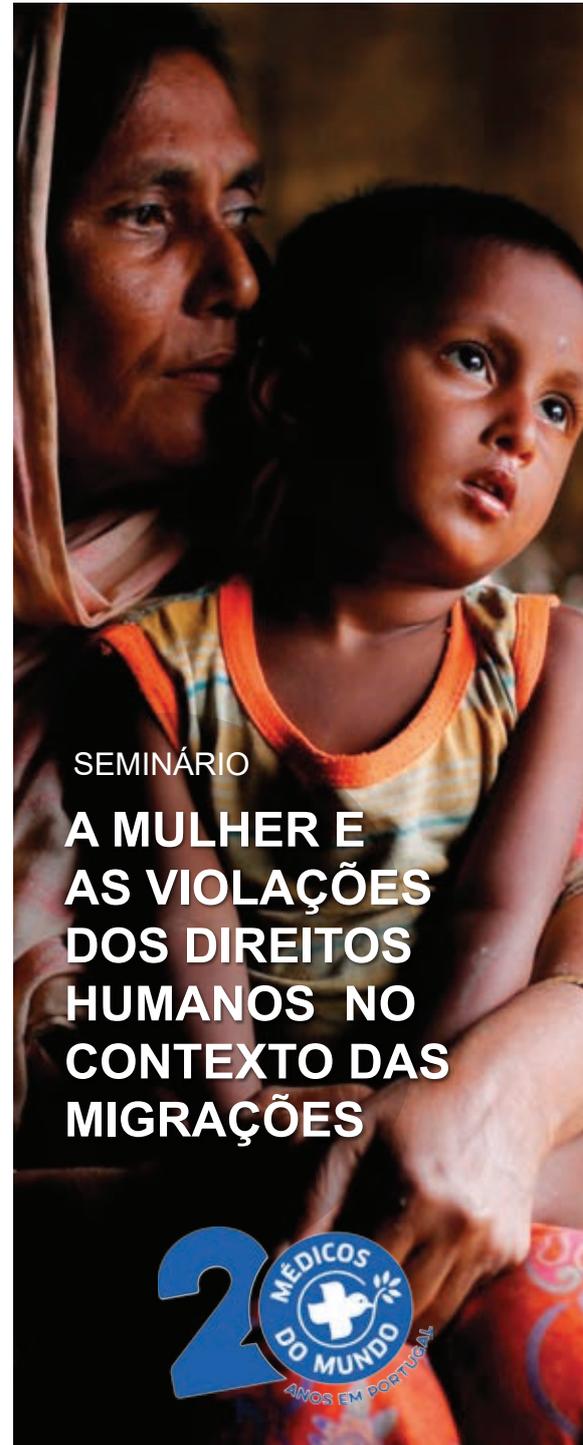
Venda: ticketline.sapo.pt ou nos postos habituais aderentes

01-11

Outubro

Exposição de Fotografia Humanitária Luis Valtueña

MU.SA - Museu de Artes de Sintra
(junto ao Centro Olga Cadaval)
Terça a Sexta-feira: 10h00 - 18h00
Sábado a Domingo: 12h00 às 18h00



SEMINÁRIO

**A MULHER E
AS VIOLAÇÕES
DOS DIREITOS
HUMANOS NO
CONTEXTO DAS
MIGRAÇÕES**



2841

Doadores que doam
há mais de 15 anos

19408

Doadores
(particulares
e empresas)
em 20 anos

13

Países

+ 1,5

Milhões
de beneficiários
(directos
e indirectos)



63

Projectos
nacionais

69

Projectos
internacionais

**OBRIGADA
POR LUTAR CONTRA
TODAS AS DOENÇAS,
ATÉ MESMO A INJUSTIÇA!**

CONCERTO SOLIDÁRIO



MATAY



CONCERTO 20 ANOS MÉDICOS DO MUNDO

10 DE OUTUBRO • 21H30 • CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL

BILHETES 10€
VENDA: TICKETLINE.SAPO.PT
OU NOS POSTOS HABITUAIS
ADERENTES